

Relatório anual do Bird pede saúde para pobres

SÃO PAULO — O Banco Mundial divulgou ontem em todo o mundo seu *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial 1993: Investindo na Saúde*, em que sustenta que a melhoria das condições de saúde nos países do Terceiro Mundo, através de políticas oficiais, deve ser atacada em três frentes. Primeiro, que os governos promovam um ambiente econômico que possibilite às famílias a melhoria de sua saúde. Segundo, que os gastos na área da saúde sejam reorientados para programas mais econômicos, beneficiando os pobres. E em terceiro, que haja maior diversidade no financiamento de serviços de saúde.

O relatório contém indicadores do desenvolvimento mundial com dados estatísticos sociais e econômicos sobre 127 países. Seus autores afirmam que o setor de saúde pública melhorou muito no Primeiro Mundo, mas não evitou que uma criança em dez continue morrendo antes dos 5 anos nos países em desenvolvimento.

Se os países pobres chegassem ao nível dos países ricos, 11 milhões de vidas seriam salvas todos os anos, diz o documento. Dos US\$ 168 bilhões gastos por ano em saúde pelos países pobres, apenas uma pequena parte é destinada a programas eficazes, de baixo custo (controle de doenças

infecciosas e da desnutrição) em benefício direto dos pobres.

Segundo o presidente do Bird, Lewis Preston, "como já mostrou a experiência de vários países em desenvolvimento, é possível a realização de reformas significativas na política de saúde. A comunidade doadora pode ajudar, financiando os custos transitórios da mudança, especialmente nos países de baixa renda".

Depois de citar alguns avanços da saúde no mundo (por exemplo, nos últimos 40 anos a esperança de vida subiu mais do que em qualquer época), o documento ressalta que "continuam existindo enormes problemas de saúde. Os níveis absolutos de mortalidade nos países em desenvolvimento ainda são inaceitavelmente elevados: as taxas de mortalidade infantil são cerca de dez vezes maiores do que as das economias de mercado estabelecidas".

Um dos autores do relatório, o americano Philip Musgrove, que veio ao Brasil para sua divulgação, explicou que o objetivo do Banco Mundial não é impor linhas de ação aos governos nem oferecer receitas para qualquer país em particular, mas propor recomendações gerais com base nos dados e estudos levantados nos últimos 12 meses.